

## CONFERÊNCIA

### A CRIATIVIDADE DE 19 SÉCULOS DA DIÁSPORA JUDAICA (\*).

Fr. PINKUSS

Professor de Língua e Literatura Hebraica da  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da  
Universidade de São Paulo.

O Judaísmo vive em diáspora, — em hebraico usa-se o termo *golá*, destêrro, — que abrange 19 séculos. Até há pouco tempo foi opinião cerrada, especialmente na dogmática cristã, que esta diáspora representava a decadência, com o judeu disperso por sua culpa, a existência judaica sem razão de ser. Como ainda Arnold Toynbee, como um dos últimos, ousou em suas observações históricas identificar o Judaísmo com um fóssil da história mundial. Posteriormente revogou esta tese, pois hoje se reconhece que ela é insustentável diante dos fatos, sejam históricos, sejam atuais. Assim, apesar da Igreja ainda não reconhecer o Estado de Israel *de jure, de fato* não deixa de tomar conhecimento do mesmo, da sua existência dinâmica, bem como do Judaísmo não “fossilizado”, mas como uma tremenda força criativa, que significam Israel no seu Estado, bem como o Judaísmo que se conservou, ativo e dinâmico, em 19 séculos de diáspora. Observemos êste fenômeno sob dois pontos de vista: o histórico e o da atualidade.

\*  
\*       \*  
\*

#### A. — O HISTÓRICO.

1). — Quando Israel experimentava a primeira diáspora, a *Galut Babel*, já houve provavelmente o começo de formas coletivas novas; não temos documentos, mas podemos supor isso através de referências feitas na *Mishná*, parte mais velha do *Talmude*. Havemos de admitir que ali se encontra, em *estato nascendi*, a idéia

(\*) — Preleção feita no seminário para os dirigentes comunais, mantido pela Federação Israelita e pelas Irmandades B'nei Brith, a 30-11-1967 (Nota da Redação).

da *Kehilá*, comunidade religiosa. Assim, quando o segundo Templo foi inaugurado, após o retôrno de Babel, em meados do V século, o povo já não era mais testemunha silenciosa e inativa do culto de Jerusalém, apesar de significar êste o santuário único.

E' sabido, através dos achados de Sachau em Elephantina, no vale do Nilo, onde houve uma colônia militar judaica, que esta pretendia inaugurar serviços de holocaustos locais, e que lhes chegou a resposta de Jerusalém com a exigência de desistir do plano. O serviço tradicional de holocaustos era a prerrogativa de Jerusalém, o centro do povo.

Mas observamos que desde o retôrno do destêrro babélico êste culto recebeu uma significativa ampliação através das *Ma'Amadôt* — grupos que "estão ao redor, em pé". Foram delegações de sacerdotes, *Cohanim*, que recitavam durante o culto de holocausto, salmos e hinos, como expressão das rezas do povo. Isto quer dizer, representavam uma forma de coletividade, em redor da própria ação sacra. E assim foi lógico que, em 70 da nossa éra, com o início do destêrro, que ia demorar 19 séculos, o povo já tinha encontrado a sua forma de convivência: a *Kehilá*, *Kahal* — quer dizer a comunidade — ou *Edá*, o que significa: testemunho, dos que testemunham pela palavra de *Deus*. No organismo da *Kehilá* ficou o povo em dispersão *aufgefangen* — concentrado. Sem ela teria ido de forma amorfa a tôdas as direções do exílio. A grande maioria encontrou seus lugares no Império Romano, seja como escravos, seja mais tarde como *cives*.

*Ismar Elbogen*, o famoso historiador judeu, nosso mestre, menciona que neste Império Romano, com uma legislação certa para associações, também para as associações de escravos, como "império mundial" daquela época, veio em favor da criação, da manutenção e do florescimento desta nova forma de convivência social judaica, a *Kehilá*. Esta *Kehilá* é uma das mais antigas instituições democráticas, porque desde o início, os presidentes foram sendo eleitos, e não do seio de um grupo de "elite", mas a cada homem judaico assistia o direito e a obrigação de eleger e de ser eleito.

Com o término do culto de holocaustos em Jerusalém, praticamente os *Cohanim*, sacerdotes, não tinham mais prerrogativas. Uma recordação consiste no costume dêles serem chamados em primeiro lugar para a leitura sabatina da *Torá* (Pentateuco) da Sinagoga, ou de observarem certas restrições na lei matrimonial ou por ocasião de enterros ou de visitas aos cemitérios, na romântica esperança dêles ficarem sempre preparados e purificados para reassumirem as funções a êles destinadas para os serviços religiosos de um futuro Templo de Jerusalém. Êstes costumes, em muitos lugares

não são mais observados, não chegam a representar mais do que uma esperança romântica.

Fato histórico é que a Sinagoga sempre conservou o seu espírito democrático, como tipo de comunidade religiosa, e nas suas decisões religiosas, jurídicas e representativas. Nunca houve uma instituição hierárquica; a autoridade sempre tem sido meramente escolástica, — autoridade de quem é competente pelos seus estudos, os quais são a todos acessíveis. Estas comunidades, às vezes, se agruparam em organizações-teto, como o famoso: *Waad Shel Arba Arazôt*, conselho de quatro estados, nos umbrais dos tempos modernos, no leste europeu; ou uma comunidade tornou-se *celula-mater* em Amsterdão, na metrópole, irradiando sua influência sôbre Londres, Hamburgo, Recife, Curaçao, Nova Amsterdão, nos tempos do império colonial dos Países-Baixos.

Ao redor da *Kehilá* formaram-se, semi-autônomas, as *Chevrôt*, irmandades, fraternidades, para determinadas finalidades, sejam religiosas, sejam sociais, sejam de assistência social, etc., sempre com o denominador religioso. Estas *Chevrôt*, de uma ou de outra forma, se desincumbiram de *Mizvôt* — obrigações religiosas — em nome da própria *Kehilá*. Hoje sabemos mais acêrca da história destas *Chevrôt* através das escavações de *Qumram*, nos famosos rolos do Mar Morto. Existe até hoje grande variedade de *Chevrôt*, Irmandades, Fraternidades, que constituem a expressão da vitalidade das comunidades. Esta é a forma orgânica, e ela de princípio não mudou, inspirada pelo início da grande diáspora.

\*

## 2. — A criação da Pátria Portátil.

O povo possuía a espinha dorsal, espiritual e moral na *Halachá*, o que significa “caminho”, estudo com finalidades legislativas, para constituir a vida judaica. “Caminho” determinado pelas leis, que se criaram e que continuamente se aplicaram. Uma lei está sempre em perigo de se petrificar. E a grande sabedoria dos rabinos, a literatura rabínica, fêz com que esta lei, pelo seu sentido — e não pela sua letra morta — orientasse o povo nas situações mais variadas e difíceis de viver. A êste conceito haláchico, o *Nomos*, acrescentou a *Hagadá*. Esta, às vezes, menos reconhecida na sua importância, conservou conhecimentos de medicina, de astronomia, de filosofia, de folklóre — e também da superstição. Ao lado da rigorosa, às vezes sêca, legislação, esta *Hagadá* vem ao encôntro dos sentimentos do povo.

Através dos séculos há uma obra contínua de discussão e de codificação da *Halachá* nos tratados rabínicos, abrangendo êstes os dois *Telmudim*, o *Shulchán Arukh* e a vasta e ininterrupta literatura das “Responsas”.

\*

### 3. — *Diálogo teológico.*

Esta é a Pátria Portátil da diáspora, a base espiritual e prática para a vida. Ela recebeu as suas profundas modificações somente nos tempos modernos, com a emancipação dos judeus, o que veremos adiante. Houve naturalmente para um povo em diáspora a necessidade de entrar em diálogo com os seus vizinhos e com as civilizações dos mesmos. Temos já nos tempos rabínicos o comêço deste diálogo. *Leo Baeck* preconizou que aquilo que chamamos *Midrasch*, a “explicação” em forma de prédica, dos textos bíblicos, é o diálogo com religiões e com as filosofias de vida, em cujo meio Israel estava vivendo. Assim se nos oferecem no *Midrasch* as primeiras grandes discussões com o *Cristianismo*, também com o *Dualismo*, que foi fortemente combatido da parte judaica. Às vêzes encontra-se no *Midrash* o têrmo de *Adam Kadmôn* — homem primordial — o que não é *Adam*, mas uma referência direta, às vêzes também indireta, ao Ungido — *Cristos* — da Igreja, no seu dogma.

\*

O Judaísmo teve num certo tempo a possibilidade de se tornar religião mundial. Aquilo que mais tarde conseguiu o Cristianismo, por motivos que ignoramos, o Judaísmo recusou. Nos primeiros dois séculos da nossa éra, quando houve crises no Império Romano, encontramos referências a viagens de rabinos para visitar a comunidade de Roma. E houve em Roma grupos de judaizantes, dos quais falaram escritores, como Sêneca. Provavelmente os rabinos estavam impedindo a promiscuidade entre sua comunidade e êstes grupos judaizantes. Supomos que o Judaísmo teve naquela época a oportunidade de se tornar religião mundial. Mas, para não se diluir, recusou aquilo que a religião filial aceitara como o seu lema: a missão, a propagação da fé.

\*

### 4. — *Os Comentários.*

Através de tôda a diáspora continuavam os estudos, a criação de comentários e de traduções da Bíblia. *Franz Rosenzweig* costumava observar:

“Quando se abre um livro judaico, hebraico, se vêem de todos os lados, ao redor do texto pròpriamente dito, os comentários e super-comentários, o que não é brincadeira erudita, mas é motivado por que se sente a necessidade de cada geração de buscar e encontrar seu acesso à herança, à Palavra de *Deus*, à vida”.

Assim, as traduções da Bíblia, a começar com as primeiras versões para o aramaico, são sempre, como tôdas as traduções literárias, também interpretações. A riqueza da Pátria Portátil criou certos têrmos, que regularizam a convivência judaica com os meios ambientes, em que as *Kehilôt* estavam se agrupando. Sem fazer-se missão, tem havido sempre casos de “judaizantes”, indivíduos ou até grupos que vieram a título de *Geré Zédeq*, “estranhos justos”, estranhos religiosos, que acompanhavam o convívio judaico, gozando de igualdade de direito no mesmo. Isto já transpira em certos salmos bíblicos, especialmente nos do *Haleluia*, Hallel, onde é dito: Que proclame a casa de Aarão que “Para sempre reine o amor de *Deus*” — depois é *todo o Israel* convidado a assim confessar e finalmente se acrescenta que louvem a *Deus* os “tementes a *Deus*”. Não resta dúvida que êstes *Yiré Adonái* — tementes a Deus — foram estranhos judaizantes.

Introduziu-se então nos primeiros séculos da diáspora tôda a legislação que, baseada no preceito bíblico, concedeu igualdade de direito ao *Ger*, forasteiro.

Além disso, criaram-se têrmos como *Diná de Malchutá Diná*, a lei do país em que se vive é lei reconhecida e tem de ser cumprida. Outro têrmo: *Zadikéi umôt haolám yesch lahem cheleq leolâm habá* — todos os justos dos povos do mundo participam da salvação vindoura.

Constata-se êste espírito humanitário e democrático.

\*

## 5. — O Convívio e o Culto.

No intuito de proporcionar o mais possível o sentimento de amparo ao povo em dispersão, a vida religiosa recebeu um estímulo todo especial por uma inovação. Enquanto na Bíblia as festas compreendem: 7 dias de *Pesach* (Páscoa), 1 dia de *Shavuôt* (Pentecostes), 7 dias de *Súcot* (Tabernáculos), 1 dia de *Rosch Hashana* (Ano Novo), 1 dia de *Yom Kipur* (Perdão), ficaram alongados por mais um dia, exceto o dia de Jejum do Perdão. Houve até uma discussão a respeito de *Yom Kipur* também; por motivos óbvios todavia, êste ficou compreendendo só um dia. Aquilo que fôra originalmente introduzido no intuito de compensar erros do calendário, serviu para

cada vez mais apresentar um estilo religioso, rico e destacado, unindo os fiéis o mais possível; pelo mesmo motivo as sinagogas receberam como anexos os assim chamados *Juden Tanz-Haeuser*, o que quer dizer, auditórios, salões para a vida social, para a vida alegre.

Em aparte seja mencionado que também a instituição do hospital foi provavelmente uma introdução judaica: o *Hefqer* serviu como amparo (Isolamento) a velhos e a doentes.

O próprio culto, organizado num ano de 12 meses lunares, — com intercalação de um 13.º mês, sete vêzes em um ciclo de 19 anos, para assim completar-se em ciclo de 19 anos solares — recebeu como uma das suas bases espirituais a forma da *Berachá* — bênção. A etimologia nos conduz a *Bereh*, joelho, ajoelhar-se. Mas este termo de “louvar”, “bendizer”, é de duas vias: bendiz-se a Deus, assim como Ele benze Suas criaturas. Muitas *Berachôt* não se baseiam em bases bíblicas, mas mesmo assim introduziram-se em analogia às bíblicas, como o acender das luminárias, velas do *Shabat* e de tôdas as festas. Rezando-se:

Tu nos santificaste e nos ordenaste acendermos as velas,

— a tradição explica que se aceitou o que já era costume sagrado, ou — como os rabinos interpretaram esta obrigação religiosa, baseando-se na prescrição:

“Pergunta a teu pai, êle te dirá, a teus anciães, êles te explicarão”!

De início, em tempos talmúdicos, vigorava o costume de se rezarem cem *Berachôt* por dia. Estas deviam ser guardadas nos seus textos pela memória. Mas com tôda a “tradição verbal”, aconteceu que ela foi posteriormente fixada, para não ser perdida nem corrompida. Assim fêz a primeira apostilha de rezas o famoso *Rabi Meir*, do II século da nossa éra, o qual também tinha feito as primeiras anotações escritas para a redação da *Mishná*, parte básica do Talmude, a qual recebeu a sua fixação definitiva no ano 200 por *Rabi Yehudá*, o Príncipe, baseando-se nas apostilhas de *Rabi Meir* e de *Rabi Akiba*, — êste contemporâneo do último levante nacional contra os romanos (levante de Bar-Kochbá), do qual se fizeram achados arqueológicos recentemente.

Dos fins do século VIII, éra dos *Gaonim*, — Autoridades Rabínicas — datam os primeiros *Sidurim*, os livros de rezas, o primeiro do *Gaôn Saadia*; êstes são na sua disposição dos textos, praticamente idênticos aos livros de rezas que hoje estão em uso. Só que com os tempos foi ajuntada a poesia do *Piut*, poesia medieval religiosa, na qual cada vez mais se preconiza a saudade religiosa

pela restauração já externada nas grandes rezas de estilo post-bíblico, como na súplica:

“Que seja dado aos nossos olhos ver Teu Retôrno a Sion em Misericórdia”.

Formaram-se ritos diferentes, variados pela parte individual das *Piutim* — poesia medieval, sendo um dos mais famosos Sidurim o do grande erudito e comentarista *Rashi* na França, do século XIII. Estes Sidurim cada vez mais avolumaram as rezas, alongando-se os serviços religiosos, indo ao encôntro da tendência medieval de cada vez mais ocupar-se o povo com assuntos religiosos, externando suas saudades. Nos tempos modernos, esta tendência ficou invertida, na maioria dos ritos, tirando-se muita poesia medieval, no intuito de restringir a extensão temporal dos serviços a uma medida correspondente à mentalidade do homem contemporâneo. A língua do ambiente teve influência na pronúncia do hebraico. Falamos de *Piutim* “locais”, que criaram *Minhagim* (ritos) locais; mas houve outros *Piutim*, cujo uso logo se expandiu e que assim chegaram a tôdas as partes, como por exemplo o *Unetane Tokef*, que tem origem medieval, aliás nem historicamente localizável, e que descreve em linguagem humilde que os seres serão inscritos para a vida e para a morte, quem viverá em paz, etc.

\*

## 6. — *As origens da filosofia religiosa.*

A filosofia (religiosa) é a tentativa do diálogo, em nível elevado, entre as diversas religiões. O Judaísmo originalmente não tem tido filosofia própria, a filosofia não foi a sua força. O povo filosófico foi o grego e a maioria dos credos interpretou-se através dos termos da filosofia grega, em uma ou em outra tradição.

O primeiro filósofo-apologeta viveu em ambiente helenista, em Alexandria: Filão. Ele usa categorias helenistas, para interpretar o Judaísmo. Em ambiente árabe escreve o *Gaon Saadia*, do IX século, que já mencionamos, sua obra *Emunôt Vedeôt*, — produtos de credo e do conhecimento científico. — Sua base filosófica é o *Qalâm*, aristotelismo árabe, para na linguagem erudita de seus dias, descrever o Judaísmo. O vulto da filosofia judaica é o grande *Maimônides*, do século XII, que outra vez descreve o Judaísmo, adotando a escola racionalista de *Aristóteles*, cujas obras estudara em ambiente árabe. Este *Moses Judeus* é citado pela alta escolástica do Cristianismo: *Alberto de Bollsted*, *Tomás de Aquino*, e lhes forneceu sistemática e método. A época do assim-chamado “renascimento

latino”, éra pré-Renascentista, herdara o conhecimento da filosofia grega através do que tinham conservado grupos de médicos-filósofos árabes, os *Irmãos de Basra*, os *Mutaqalimún*, etc. Através da expansão árabe até a Península Ibérica chegou êste conhecimento *Aristotélico* antes do renascimento clássico para a Europa. Assim *Maimônides*, nas Universidades da Espanha, travou conhecimento com Aristóteles, e escreveu seu *Moré Nebuhim* em árabe, língua do ambiente, ao qual o autor se dirigira. Logo foi traduzido para o hebraico, e por meio de tradutores monges, para o latim, chegando desta forma o conhecimento de *Aristóteles* à Escolástica da Igreja. Assim *Moses Judeus*, como foi chamado, é um elo naquela corrente do conhecimento pré-renascentista. Aliás, representa uma filosofia estritamente racionalista. Após muitos outros, cujos nomes são mencionados somente, como Crescas, Albo, seja citado *Spinoza*, cuja filosofia tem duas raízes, sendo uma delas, obviamente, o racionalismo de *Maimônides*, que estudara.

Apesar do *Deísmo* e do *Panteísmo* spinozistas, havemos de reconhecer a tentativa que empreendera Spinoza, a de sintetizar êste com o Teísmo judaico, tentativa manifesta no livro publicado post-mortem, o *Tratado político-teológico*. Outra vez esta síntese entre êste racionalismo maimonidiano e a filosofia kantiana, é apresentada por Hermann Cohen, fundador da escola Neo-kantista, na sua famosa obra *A Religião da Razão, baseada nas Fontes do Judaísmo*. Na geração após Hermann Cohen surge nova tese de filosofia do Judaísmo, o livro de *Leo Baeck*, *A Essência do Judaísmo*, talvez uma das obras mais maduras da interpretação filosófica do Judaísmo. Foi uma resposta originalmente dada a uma publicação tipicamente anti-judaica de *Harnack: A Essência do Cristianismo*.

Das saudades do povo pela redenção teve origem a *Mística Religiosa*. Ela teve as suas épocas certas, coincidindo com os tempos da maior preocupação, opressão e instabilidade geral. Ela jamais chegou no ambiente judaico aos excessos que a caracterizam em outros meios e povos. Com traços já encontrados no Talmude, ela teve o seu florescimento no meio sefardita, no auge da Idade Média, especialmente na cidade de *Sfat* no Galil (Israel), com obras marcadamente sistemática-filosóficas, baseando-se geralmente no Neoplatonismo; os nomes das obras mais famosas são: *Sefer Habahir* (Livro do Brilho), *Zohar* (Brilho); tôda esta literatura representando a *Qabalá* (Tradição, no sentido secreto). A sua justificação teológica encontra-se na exposição rabínica de que o texto bíblico pode ser interpretado pelo *P'Shat* (simples explicação verbal), *D'Rash* (interpretação homilética), *Rêmez* (referência), e *Asmakhtá*, interpretação alegórica, mística, fornecendo êste quarto sistema a base para a interpretação da parte da *Qabalá*.

No meio dos ashqenazim não se chegou a uma sistematização do ensinamento místico, mas predominava a religiosidade mística-popular dos *Chassidê-Ashqenaz*, os religiosos hedievais de *Ashqenaz* (Alemanha), e no Leste europeu a partir do século XVII o movimento popular do *Chassidismo* (pietismo), originado pelo *Baal Shem* (aquêle a quem Deus revelou Seu nome Grandioso que faz milagres). Houve também típicos homens do Renascimento no Judaísmo, entre os quais os entusiastas-fanáticos Salomo Molcho, Sabatai Zwi, David Reubëni.

\*

## 7. — *Ciência Moderna do Judaísmo.*

A moderna Ciência do Judaísmo é a continuação das tentativas de facilitar o diálogo com o meio-ambiente, baseado em estudos filológicos, históricos e teológicos. Ela teve o seu ponto de partida na época do Iluminismo do século XIX, que coincide com a luta pela emancipação civil dos judeus europeus. Representa da parte judaica a tentativa de levar as suas massas ao nível europeu, do qual viviam excluídas, isoladas, e não por culpa própria. Aquêles poucos grupos judaicos que já eram socialmente e intelectualmente emancipados tinham comprado o “bilhete de entrada na assim chamada cultura européia”, o que quer dizer, tinham aceito o batismo. A Ciência do Judaísmo foi a grande tentativa de “modernizar” o Judaísmo, usando como base filosófica, inicialmente, a tese da filosofia histórica de Hegel, a sua dialética. Entre os vultos, no meio de centenas de nomes, que merecem ser citados, destacamos: *Zacharias Frankel*, com a sua obra básica: *A Poesia Sinagagal dos Judeus na sua Evolução*; *Abraham Geiger*, *Urschrift und Uebersetzungen der Bibel* (Texto original e traduções da Bíblia). No Leste europeu destaca-se entre muitos: *Nachman Krochmal*, com o seu *Orientador dos Desnorteados da Atualidade*; homens como *Heinrich Heine* fundaram um primeiro *Kultur-Verein der Juden* em Berlim. Não resta dúvida que a *Ciência do Judaísmo — Wissenschaft des Judentums*, orientou as reformulações modernas das correntes religiosas judaicas, seja os reformistas, os liberais e também a neo-ortodoxos, desde meados do século XIX. Infelizmente ficou ela restrita aos grupos dos eruditos, sem entrar na grande consciência do povo, tanto no Iluminismo centro-europeu, como no da Europa Oriental.

Mas da *Haskalá Oriental* (Iluminismo oriental-europeu) houve bases ideológicas para o Sionismo, nacionalismo judaico, nos grupos dos *Chovevei Sion* (Amantes de Sion) que, de forma apolítica, anseavam realizar o sonho da alma judaica: o de voltar a *Sion*. Este

movimento precedeu o Sionismo Político de Teodoro Herzl, tendo mais tarde unido-se a êle.

\*

### 8. — *As Migrações e as Capacidades Profissionais.*

Seria bastante incompleta esta descrição histórica, sem dar um resumo das *Migrações*. O famoso historiador *Heinrich Graetz* fez preceder à sua grande *História Mundial dos Judeus* uma brochura, *A Estrutura da História Judaica*, e é isto que pretendemos fornecer aqui. Israel migrando não chegou como conquistador, mas sim tendo como essencialmente marcante a criatividade da diáspora. Chegaram quase sempre como colonizadores. Levaram conhecimentos e técnicas aos países novos, sejam pensamentos, sejam economia e relações humanas, relações internacionais, etc. Não chegaram como aproveitadores, mas como pioneiros, em todos êstes séculos.

Certos mandamentos bíblicos determinaram a mentalidade judaica da diáspora, como:

Multiplicai-vos e dominai a Terra...  
Meditarás sôbre os Meus estatutos dia e noite...  
Procurai-Me para Me encontrar...

Tudo isto criou uma pré-disposição para a pesquisa, a procura intelectual. De forma parecida com os demais povos orientais, foram de preferência estudadas matérias como astronomia, medicina, geografia — sendo esta última de grande importância na éra dos descobrimentos marítimos — e com a chegada das ciências críticas, tornou-se um atrativo para êste povo, com a sua mentalidade investigadora, o método da hipótese, da fórmula, da pesquisa abstrata. Por isto é muito grande no seu meio o número dos descobridores e dos prêmios Nobel das ciências.

A isto associou-se um outro fator: séculos de história trágica concentraram as observações acêrca da vida humana em compreensão da situação social, da tristeza, da fraqueza, da impotência. E' por isto que é grande o número entre êles de médicos, juristas, biógrafos, psicólogos, dramaturgos e artistas.

Êstes são os motivos essenciais para uma participação em alto grau nas "profissões". Do outro lado, criou-se a tendência natural pelas ramificações do comércio, tendo em vista a necessidade de terem de exercer profissões "portáteis" em séculos de migrações; e é finalmente êste o motivo de na diáspora só em casos excepcionais se encontrarem profissões ligadas ao local e à terra. Em conseqüência de serem excluídos das corporações medievais, houve a tendência na-

tural e óbvia pelas profissões periféricas, isentas da organização hierárquica. Do outro lado manifestou-se a capacidade de criar manufaturas, indústrias, quando depois da Guerra dos Trinta Anos a teoria mercantilista chamou “judeus privilegiados” (*Schutzjuden*) para reestruturar as economias dos pequenos territórios europeus, enquanto na era do colonialismo e comércio transatlânticos, nos umbrais dos tempos modernos, ficou manifesta a sua capacidade de criar através das relações familiares entre as metrópoles e os territórios novos, uma rede de caminhos comerciais de importação e de exportação, até que nos fins do século passado e nos começos deste, o seu dinamismo e espírito empreendedor tradicionais cooperaram bastante na industrialização moderna. Havemos, todavia, de nos precaver do exagero que cometeu Werner Sombart, em sua obra, *Die juden und das Wirtschaftsleben*, qualificando o capitalismo colonial como exclusiva “obra judaica”, tratando-se efetivamente de cooperação baseada em mentalidade e relações, mas longe de constituir uma espécie de “monopólio judaico”.

\*

Esta criatividade conservou o povo moral e realmente coeso. Apesar de encontrar “pátrias”, não deixou de sonhar com a *Pátria*, restauração de Sion, como símbolo da sua unidade e como centro espiritual. Esta romântica idéia jamais abandonou o povo e foi uma das grandes forças amalgamadoras, que lhe proporcionou fôlego para respirar, para poder trabalhar em circunstâncias muitas vezes trágicas.

Em Praga há uma sinagoga chamada *Altneuschul*. Este título fala a quem sabe interpretar a diáspora. Ele não significa *alt-neu*, “velho-nôvo”, mas corresponde ao termo hebraico *Altenai*. *Altenai* quer dizer “acondicionado”; esta sinagoga fôra construída sob a condição de ser usada somente até o retôrno a *Sion*, até a vinda da era messiânica. Com os olhos dirigidos sempre para o centro espiritual, a diáspora jamais se tornara massa amorfa.

Outro exemplo: Quando chegamos pela primeira vez a Curaçao, que também era filiada à metrópole de Amsterdão, vimos o soalho da sinagoga coberto com areia branca. Esta areia simbolizava a passagem pelo deserto depois do êxodo do Egito nos tempos bíblicos, como lembrete de que o povo estava na diáspora, ciente do seu passado, esperançoso e unido nos seus sonhos. Para o Judaísmo moderno existem dois centros, que se correspondem e têm mútua necessidade, a diáspora e Israel. Leo Beack costuma definir a existência judaica como sendo de forma elíptica e como a elipse, ela tem dois focos. A obra criativa da diáspora fêz ressurgir o centro, sem

por isso desmerecer das grandes necessidades e oportunidades que oferece a vida dos países em que os judeus são leais cidadãos.

A estrutura das migrações foi a seguinte: Na hora trágica do ano 70 da nossa éra, com a destruição do Estado, houve emigração em três direções. Uma para o Leste de Israel, para os países árabes, para a Caucásia, de onde são oriundos, por exemplo, os judeus montanheses de *Tiflis* que ficaram isolados e se mantiveram, apesar de terem sido sufocados pelas situações políticas. Acêrca dêles sabemos atualmente pouca coisa, através da obra de Israel *Ben Zwi*, segundo presidente de Israel que, como historiador, preencheu uma lacuna tremenda no nosso conhecimento, colecionando dados acêrca dêstes “dispersos”. A grande imigração foi para o Oeste, para Roma, de onde, depois de passar por essa cidade, rumaram em duas direções, uma pelo Mediterrâneo, pela Península Ibérica: são os chamados sefaradim. A outra foi para o Norte, Europa Central, mais tarde para o Leste europeu, e são denominados de ashkenazim. Êste esquema de sefaradim, ashkenazim e judeus da Caucásia não está de todo perfeito, pois há também judeus que não são sefaradim, por exemplo, vivendo no Mediterrâneo, como os judeus italianos, que não passaram por aquêles territórios de Sefarad, Espanha, mas têm uma tradição italiana ininterrupta. Acêrca das migrações medievais e, especialmente modernas e recentes, chamamos a atenção a descrição anteriores (\*).

\*

\*

\*

## B. — OS FATOS ATUAIS E AS GRANDES IDÉIAS.

O Judaísmo não é religião missionária, mas aceitou conversões, dependendo do ambiente em que vivia. Em ambiente agressivo recusou-se totalmente a aceitá-las. O Liberalismo e a Reforma modernas estabeleceram a idéia da missão judaica, sendo isto geralmente o caso quando o Judaísmo se baseia nos ideais proféticos universais, enquanto que nos tempos que mais preconiza a importância da *Torá* (Pentateuco), sendo então mais legalista-nacional, desaconselha e desencoraja tendências propagandísticas. Isto é claro, pois messianismo e nacionalismo estão em polaridade.

O conteúdo das Leis dadas ao Povo de Israel, nem por isto é universal. O decálogo é universal.

“Amarás ao teu próximo, porque êle é igual a ti”,

é uma Lei dada a Israel, porém com significado universal.

---

(\*) . — Vide trabalhos nossos anteriores, nesta *Revista de História*, n.ºs 64 e 65.

A acentuação, uma vez da parte messiânica, universalista, outra vez da parte nacional, é típica pela vida na diáspora. Quando se tratava da luta pela emancipação, quando se tratava da Reforma em países onde os judeus tinham a igualdade de direitos, a idéia da missão judaica foi argumento apologético, enquanto na opressão, o povo se fechou contra as tendências liberalizadoras.

O Judaísmo era predominantemente fenômeno europeu até 1933. Hoje, a Europa, com a sua população de mais ou menos um milhão de habitantes judaicos, deixou de ser o centro. A gravitação da vida judaica gira hoje ao redor do novo centro, Israel, e o mundo ocidental, de preferência de fala inglesa. É muito interessante ter isto em mente, porque isto acarreta também modificações na mentalidade.

Muitos dos problemas que hoje afligem a civilização humana, não atingem o Judaísmo. Por exemplo: as relações entre religião e ciência não constituem problema espiritual-filosófico, pois o Judaísmo jamais considerou as crenças em choque com os descobrimentos científicos. O grande Maimônides (século XII) dizia:

Se um descobrimento científico parece contradizer a convicção bíblica, então erramos na interpretação da Bíblia. Com raríssimas exceções o Judaísmo aceitou o produto da ciência, não entrando em choque com a mesma.

A idéia da santidade também apresenta-se em forma e sentido diferentes dos do meio ambiente. O Judaísmo conhece santidade só no sentido de “consagração”. O matrimônio é a consagração mútua dos cônjuges. E quando, por qualquer motivo, ficou irreparavelmente destruída esta consagração mútua, este matrimônio em potência não existe mais, e é consequência lógica celebrar-se o divórcio. Observe-se: quando não há mais consagração, já o matrimônio deixou de existir. A santidade no Judaísmo consiste em consagração humana, não se conhecendo o sacramento. Enquanto o sacramento é uma instituição independente do homem, autônoma, a consagração é puramente humana. Isto foi motivo de estímulo humanístico nos séculos da diáspora, — do homem que cumpre a consagração como Divina depende a convivência humana.

Outro conceito é o da *Simchá*, alegria. Ela raras vezes é excessiva, somente no dia de *Purim*, e o foi no Templo, na cerimônia do “despêjo das águas”, para pedirem-se as chuvas. Ela é a felicidade, na qual entram até a comemoração dos finados e a seriedade da vida, interpretada pelo Salmo: “O’ Deus ajuda, ó Deus dá êxito”. *Simchá*, esta alegria santa, é a idéia guia da religiosidade judaica.

9. — *A obrigação social, a justiça social.*

Ela entra como atitude básica do homem muito antes da Graça Sobrenatural. A palavra *Chesed*, amor, amor de *Deus*, não é a graça mais simplesmente o amor, a bondade, e da parte do homem: a obrigação — *Mizvá* — da justiça social. Desde a encíclica do grande Papa *João XXIII* a justiça social recebe amplo lugar na Igreja e nos seus ensinamentos em relação ao conceito da Graça. A diáspora é a continuidade da aplicação do ensinamento judaico acêrca do homem, que faz jus a ser amparado pela justiça social.

\*

10. — *A idéia profética das Nações Unidas.*

Os Profetas bíblicos foram os primeiros que conceberam o conceito da história mundial e da continuidade histórica. Antes dêles escreviam-se sòmente crônicas, de acontecimentos e das côrtes dos soberanos, sem tratar de “processos históricos”. Assim, a idéia de “uma assembléia das nações” é muito familiar no Judaísmo, seja clássico, seja da diáspora. Muitos conceitos da vida judaica, evoluídos na diáspora, especialmente o seu dinamismo, mostram ao mundo de hoje na sua problemática exemplos atraentes.

Outro exemplo: através da sua existência, através das suas migrações, colaborou Israel em criar relações internacionais, — faz há séculos o que hoje se almeja: aproximarem-se e conhecerem-se mutuamente os povos, as civilizações do mundo inteiro — ou os hoje renovados esforços entre cristãos e judeus a respeito do amor ao próximo, da reaproximação fraternal.

\*

O élan-vital da diáspora a partir de 1933 merece uma observação: como povo, como reagiu, como silenciosamente reconstruiu a sua existência em tôdas as novas partes, não como humilhados ou rejeitados, mas como livres, eretos. E casos de perturbações psíquicas inevitáveis, foram praticamente isolados, individuais, nunca casos coletivos. Israel vive uma nova emancipação, não mais a do indivíduo, por ser indivíduo, mas uma emancipação do judeu, por pertencer ao grupo, ao povo judaico, sob todos os pontos de vista sociológicos e morais.

\*

Hoje pratica-se uma transformação da religiosidade, e não só no Judaísmo. Ela não é uma variação da ortodoxia para reforma, nem da reforma para a ortodoxia. Nos grandes centros maciços, especialmente na Europa oriental, bem como nas pequenas cidades, reinava uma religiosidade do ambiente; era óbvio, a gente era religiosa, observava o *Shabat*, as festas, os ritos. Nas metrópoles de hoje não há mais religiosidade do ambiente fechado; o que se almeja é o tipo da religiosidade individual, com apêlo a cada pessoa, o apêlo a manter convicções. E o Judaísmo não conhece tanto “fé, credo”, do que convicções, fidelidade de pertencer a uma comunidade, o chamado para cooperar na vida judaica e na do ambiente, para dedicar-se de um ou de outro modo a cumprir ensinamentos judaicos, convicções religiosas. Muitas vêzes a nova geração, bem entendida e educada, torna a atrair os pais à comunidade.

\*

Ninguém obrigaria ao judeu a viver como gente judaica, ninguém no mundo ocidental, ninguém — e existe o fenômeno de uma dinâmica diáspora, dotada de força de adaptação, de criar uma nova escala de valores. Esta assim se apresenta: manutenção dos valores certos, básicos, clássicos da religião, e mais: aceitação de valores novos, não por serem novos, mas por serem novos valores *vitais*, como os da técnica e relacionados. E em terceiro lugar a reacentuação de valores existentes, como por exemplo as relações entre as gerações, que eram patriarcais e hoje são democráticas.

\*

Na base desta dinâmica e desta firmeza, o Judaísmo da diáspora tem a coragem de entrar em diálogo ecumênico com os demais credos em um mundo, em que a maioria dos povos já hoje, e mais ainda no futuro, saberá muito mais de *Stalin*, *Marx*, *Mao-Tse*, do que de *Mosche Rabeno* (Moisés nosso Mestre) ou de *Jesus*. Ele coopera na manutenção do grande “povo de Deus no exílio”.

\*

A descrição talvez não seja completa, e cada item representaria um tema por si só. O que foi tentado é descrever como primeiros séculos de uma vida judaica, vivida praticamente em todos os continentes, longe de ser negativa quanto aos seus êxitos e suas obras, comprovou a sua criatividade imorredoura. Houve em quase tôdas as épocas casos isôlados ou casos coletivos de assimilação errada,

auto-abandono, cessão às pressões do meio-ambiente. Mas a continuidade global e existencial de Israel jamais se tornou problemática. A diáspora, longe de se tornar fossilização, fenômeno do “judeu errante”, representa tremendos valores criativos, capazes de preservar o Judaísmo, o povo judaico, de criativamente cooperar com os povos, de salvar os dispersos, os quais formaram e conservam o Estado Judaico.

\*

O presente oferece novas chances no sentido do diálogo, diálogo entre Israel e a diáspora, entre o Judaísmo refortalecido, rejuvenescido e o mundo atribulado, do qual êle faz parte integrante.